

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA COM ÁREA DE
APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

JOSÉCLEA DA SILVA NASCIMENTO

**BULLYING NÃO É BRINCADEIRA: CONHECENDO AS EXPERIÊNCIAS COM O
BULLYING DE CRIANÇAS DO 5º ANO DE UMA ESCOLA DO CAMPO**

JOÃO PESSOA, 2025

BULLYING NÃO É BRINCADEIRA: CONHECENDO AS EXPERIÊNCIAS COM O BULLYING DE CRIANÇAS DO 5º ANO DE UMA ESCOLA DO CAMPO

JOSÊCLEA DA SILVA NASCIMENTO

Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo da Universidade Federal da Paraíba, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licencianda em Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo.
Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Aparecida Valentim Afonso

JOÃO PESSOA, 2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N244b Nascimento, Joséclea da Silva.

Bullying não é brincadeira: conhecendo as experiências com o bullying de crianças do 5º ano de uma escola do campo / Joséclea da Silva Nascimento. - João Pessoa, 2025.

36 f.

Orientação: Maria Aparecida Valentim Afonso.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia - área de aprofundamento em Educação do Campo) - UFPB/CE.

1. Bullying. 2. HQ. 3. Educação do campo. 4. Ensino fundamental. I. Afonso, Maria Aparecida Valentim. II. Título.

UFPB/CE

CDU 37.06 (043.2)

JOSÉCLEA DA SILVA NASCIMENTO

**BULLYING NÃO É BRINCADEIRA: CONHECENDO AS EXPERIÊNCIAS COM O
BULLYING DE CRIANÇAS DO 5º ANO DE UMA ESCOLA DO CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo, da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, como um dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profª. Dra. Maria Aparecida Valentim Afonso

Aprovado em: 9 /10 /2025

COMISSÃO EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
MARIA APARECIDA VALENTIM AFONSO
Data: 15/10/2025 09:15:27-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profª. Dra. Mª Aparecida Valentim Afonso- DEC/UFPB - orientadora



Documento assinado digitalmente
RICARDO DE CARVALHO COSTA
Data: 15/10/2025 08:08:55-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Msc. Ricardo de Carvalho Costa - DEC/UFPB – 1º examinador



Documento assinado digitalmente
BRENO HENRIQUE DE SOUSA
Data: 14/10/2025 22:38:23-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Breno Henrique de Sousa DEC/UFPB- 2º examinador

AGRADECIMENTOS

À Deus por ter me dado o dom da vida, sabedoria e forças para concluir essa jornada.

À minha família, em especial minha mãe, meu pai e meu irmão por sempre estarem comigo me apoiando.

Aos amigos e amigas que todos os dias me lembram do meu valor e da minha força.

Às professoras e professores que dividiram comigo o conhecimento necessário para minha formação acadêmica, profissional e humana. Em especial a minha orientadora professora Aparecida Valentim por ter estado comigo na construção desse trabalho, sempre paciente, amorosa e respeitosa.

E principalmente, agradeço a mim mesma por, mesmo diante dos obstáculos e dificuldades, nunca ter desistido.

Gratidão!

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa que teve como objetivo geral investigar as experiências com o bullying de crianças do 5º ano dos anos iniciais de uma Escola Municipal. O estudo teve como fundamentação teórica uma discussão sobre a Educação do Campo, a legislação educacional, o bullying escolar e por fim, um breve histórico das histórias em quadrinhos (HQ's) material utilizado como recurso didático. Para tanto foi realizada uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, utilizando como instrumentos metodológicos a observação participante, a roda de conversa com a leitura e discussão da HQ "Bullying não é brincadeira", a aplicação de um questionário junto aos sujeitos da pesquisa: alunos e alunas do 5º ano, com faixa etária dos 10 aos 14 anos, finalizando com a realização de uma oficina de produção de HQ's de conscientização contra o bullying feita pelos estudantes. Na apresentação e análise dos dados, foram investigadas as informações obtidas nos questionários respondidos pelos sujeitos participantes, sendo constatado que o bullying é um fenômeno presente no cotidiano escolar, identificado e experienciado tanto pelas meninas quanto pelos meninos. Por fim, nas considerações finais afirma-se que os objetivos foram alcançados e que refletir sobre como as crianças enxergam e experienciam o bullying, conversando com elas sobre a temática mostra-se fundamental para o enfrentamento desse problema escolar.

Palavras-chave: Bullying. Histórias em Quadrinhos. Educação do Campo. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This work is the result of research that had as its general objective to investigate the experiences of bullying among 5th grade children in the initial years of a Municipal School. The study had as its theoretical basis a discussion on Rural Education, educational legislation, school bullying and finally, a brief history of comic books (HQs) material used as a teaching resource. To this end, an exploratory research with a qualitative approach was carried out, using as methodological instruments participant observation, a conversation circle with the reading and discussion of the comic book "Bullying is not a joke", the application of a questionnaire to the research subjects: 5th grade students, aged 10 to 14 years old, ending with the realization of a workshop for the production of comic books to raise awareness against bullying carried out by the students. In the presentation and analysis of the data, the information obtained from the questionnaires answered by the participating subjects was investigated, and it was found that bullying is a phenomenon present in everyday school life, identified and experienced by both girls and boys. Finally, the final considerations state that the objectives were achieved and that reflecting on how children see and experience bullying, talking to them about the topic, is fundamental to tackling this school problem.

Keywords: Bullying. Comics. Countryside Education. Elementary Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1. Educação do campo: fundamentos, características e desafios.....	11
2.2. Legislação: BNCC, LDB e o Bullying escolar.....	14
2.3 O fenômeno bullying escolar.....	16
2.4 Histórias em Quadrinhos: breve histórico e valor educativo.....	17
3. METODOLOGIA.....	22
3.1 Abordagem e tipo de pesquisa.....	22
3.2 Campo da pesquisa.....	22
3.3 Sujeitos da pesquisa.....	23
3.4 Instrumentos da pesquisa.....	24
3.5 Realização da Oficina de produção de HQ's.....	25
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
6. REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

A violência na escola tem sido um tema de bastante preocupação para a gestão escolar, responsáveis, corpo docente e estudantes. Uma prática de violência de muita visibilidade é o chamado *bullying*. Apelidos maldosos, xingamentos, humilhações, exclusão, piadas com a aparência do outro, agressões verbais e físicas ocorridas repetidamente, caracterizam o bullying.

O impacto do bullying na vida das crianças e jovens tem chamado atenção não apenas da comunidade escolar, mas também do poder público. A lei 13.185/2015, conhecida como *Lei Anti bullying*, importante por instituir o Programa de Combate à Intimidação Sistemática, apresenta o que é o bullying e determina que as escolas promovam atividades de combate e prevenção, e preparem os professores/as para lidar com o problema no ambiente escolar. Já a Lei 14.811/2024, que institui medidas de proteção à criança e ao adolescente contra a violência nos estabelecimentos educacionais ou similares, através do seu Art. 6º, criminaliza o bullying e o cyberbullying no Brasil.

Em 2018, a pesquisadora trabalhou essa temática com jovens do Ensino Médio de uma escola pública em sua monografia do curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Em 2025, o interesse em pesquisar sobre o bullying ressurge na disciplina Projeto de Pesquisa e Extensão no Campo II, agora fazendo um aprofundamento dessa experiência no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

É importante destacar que embora seja um fenômeno frequente, pouco se discute sobre o bullying na escola. Muitas vezes a gestão, coordenação e professores/as só trabalham a temática quando acontece uma situação que chega a proporções maiores. Por isso, partiu-se do pressuposto de que o fenômeno pode ocorrer de várias maneiras, mas não ser identificado como tal. Sendo minimizado por algumas e/ou banalizado por outras pessoas que tratam o fato como uma simples “brincadeira”.

Sendo assim, ressalta-se a importância de pesquisar sobre a temática para compreender sua dinâmica, construir conhecimento e desenvolver estratégias de enfrentamento que atendam às demandas e realidade dos sujeitos que vivenciam o bullying, além de estreitar a relação entre a universidade e a escola.

Em relação as Histórias em quadrinhos (HQ), ressalta-se que a escolha pelo uso desse gênero textual como ferramenta para o desenvolvimento da pesquisa se deu pelo entendimento de sua importância para trabalhar nos anos iniciais, já que se trata de um texto lúdico que facilita

a leitura e o desenvolvimento de outras habilidades importantes para o processo de aprendizagem das crianças. Conforme afirmam Kruger e Michels (2018):

Através das histórias em quadrinhos ocorre grandes possibilidades de se desenvolver diferentes linguagens, como a gráfica, a oral e a escrita, despertando o uso de vários meios de comunicação, colaborando para um processo de aprendizagem mais interativo.

Em uma sociedade cada vez mais virtual e tecnológica, faz-se necessário proporcionar aos alunos recursos lúdicos que possibilite a interação e atenção deles nas aulas. Nesse sentido, a junção de imagens e texto contidos nas HQ's torna-se um estímulo para a imaginação, criatividade, leitura e escrita das crianças dos anos iniciais. Tornando mais significativo o processo de aprendizagem.

Posto isso, a questão investigativa que norteou a pesquisa foi: quais as práticas de bullying que ocorrem no cotidiano de uma turma do 5º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado?

Considerando a questão central da pesquisa, delimitou-se como objetivo geral do estudo: investigar as experiências com o bullying de crianças do 5º ano da Escola Municipal Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado. Visando alcançar o objetivo geral, elencou-se os seguintes objetivos específicos: 1) Conhecer a interação entre os estudantes; 2) Refletir sobre as práticas de bullying na escola; 3) Realizar uma oficina pedagógica de produção de HQ sobre o bullying.

Sendo assim, o presente estudo está dividido da seguinte maneira: 1. Introdução; 2. Fundamentação teórica, na qual, apresenta discussão sobre a Educação do Campo, Legislação escolar, bullying escolar, e história em quadrinhos. 3. Metodologia, onde é narrada os caminhos metodológicos traçados para o desenvolvimento da investigação, assim como os instrumentos utilizados, o campo e os sujeitos de pesquisa. 4. A apresentação e análise dos dados que mostra e interpreta as informações obtidas no questionário aplicado às crianças. 5. As considerações finais, nas quais, conclui-se que os objetivos foram atingidos. Finalizando com as referências utilizadas para a construção desse estudo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesse capítulo foi realizada uma discussão acerca dos principais fundamentos teóricos que subsidiaram o desenvolvimento da pesquisa. São eles: A Educação do Campo, a legislação escolar e suas diretrizes, o fenômeno bullying escolar, e o um breve percurso histórico das Histórias em Quadrinho (HQ's) e seu valor educativo.

2.1 Educação do campo: fundamentos, características e desafios

O campo constitui um espaço de disputas e conflitos, mas, sobretudo, lugar de lutas e conquistas dos seus sujeitos. Assim, o projeto da educação do campo foi pensado e construído para atender os interesses e realidades da população camponesa, conforme conceitua Caldart (2012, p. 259):

A Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas.

Para compreender essa modalidade de educação, é necessário adentrar ao contexto histórico e social que desencadeou a sua criação. No século XX, os interesses econômicos vigentes influenciaram as ofertas de educação para os sujeitos do campo. Com o advento do processo de industrialização brasileiro, as políticas educacionais buscavam atender às necessidades desse formato de produção. De acordo com Coutinho (2009, p. 43):

No campo começa a crescente mecanização, a intensificação dos conflitos de terra pela concentração da grande propriedade e a tentativa de adequar a escola as atividades do meio rural, qual seja: educar a mão-de-obra com conhecimentos técnicos necessários à modernização do campo, pela via das empresas capitalistas.

Com o processo de industrialização e urbanização, as empresas capitalistas precisavam de trabalhadores que soubessem, ao menos, ler e escrever para o manuseio das máquinas. Ou seja, os programas de educação tinham o objetivo de formar mão de obra e não cidadãos conscientes. Nesse sentido, percebe-se a negligência do Estado em relação à população camponesa e o acesso a uma educação de qualidade. Além disso, o modelo agrário brasileiro foi responsável por ocasionar as desigualdades sociais e exploração no campo, negando para esse povo o direito à terra e aos direitos sociais (Batista, 2016).

Foi esse contexto de descaso e opressão que motivou o povo camponês a lutar pelo direito à terra, ao trabalho e à educação. O conceito de Educação do Campo surgiu no Brasil na década de 1980 com a organização e reivindicação dos movimentos sociais. Mas foi a partir dos anos de 1990 que a luta se intensificou. Conforme discute Batista (2016, p. 1-2):

Com a luta pela reforma agrária muitos latifúndios foram divididos e possibilitaram o acesso à terra a milhares de camponeses, constituindo os assentamentos onde os trabalhadores buscam criar condições de vida com o trabalho na terra, através da agricultura familiar. Mas para viver nos territórios conquistados, nos anos 1990 os movimentos entenderam que teriam que incorporar em suas demandas além de políticas agrícolas e agrárias a educação como elemento importante para o desenvolvimento das comunidades.

De acordo com Caldart (2009) os movimentos sociais camponeses, principalmente o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) são os grandes protagonistas do processo de criação da Educação do Campo. Esse aspecto é importante para compreender que esse projeto educacional foi pensado e desenvolvido pelos próprios sujeitos do campo, o que explica o “do” de Educação do campo.

Nos anos de 1990, o MST liderava o movimento nacional *Por uma Educação do Campo*, cujo marco principal foi o I Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (I ENERA), realizado em 1997, na Universidade de Brasília (UnB) e a 1ª e 2ª Conferências Por uma Educação Básica do Campo (1998 e 2004). Através dessa luta o Estado aprovou: Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, e criaria o Grupo Permanente de Trabalho em Educação do Campo, no âmbito do Ministério da Educação e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. (COUTINHO, 2009).

No que se refere à legislação, é possível apontar alguns instrumentos legais, resultado dessas lutas, que legitimam e reconhecem a esses sujeitos o direito a educação. Como exemplo, as Diretrizes Operacionais para Educação Básica das Escolas do Campo – Resolução CNE/CEB nº 1/2002, documento que representa uma conquista política importante para o Movimento Nacional de Educação do Campo. Em sua constituição é estabelecido um conjunto de princípios e procedimentos que visam adequar o projeto institucional das escolas do campo às Diretrizes Curriculares Nacionais em todas as modalidades de ensino (Brasil, 2013).

O texto dessa Resolução define no Parágrafo único do artigo 2º a identidade da escola do campo:

Parágrafo único. A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes a sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios

dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (Brasil, 2013, p.282)

Essa definição evidencia que a identidade da escola do campo está interligada a identidade do povo do campo, considerando e valorizando seus saberes, vivências e realidade. Enfatizando a perspectiva de uma escola no e do campo, que respeita as especificidades do território no qual está inserida, sem deixar de oferecer o acesso à ciência e tecnologia aos seus estudantes.

Pode-se citar outros marcos legais importantes: Resolução CNE/CEB nº 2/2008; Parecer nº 1/2006 que reconhece os Dias Letivos da Alternância, também homologado pela CEB; Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, que dispõe sobre a Política Nacional de Educação do Campo e sobre o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) (Molina; Freitas, 2011).

Dessa forma, contrapondo-se a educação rural que visava fixar o homem e a mulher ao campo no intuito de formar mão de obra para atender às demandas do modelo de produção industrial, o projeto da Educação do Campo tem como base de sustentação:

[...] a valorização da vida do campo visando construir políticas públicas que garantam o direito dos povos do campo de trabalhar e estudar no campo estabelecendo relação de solidariedade e sustentabilidade nas relações entre a educação, Agricultura Familiar e os demais aspectos culturais e produtivos dos povos do campo (Batista, 2016, p. 2).

Portanto, a Educação do campo é um projeto de educação construído a partir dos interesses da população camponesa. Seu objetivo é proporcionar uma educação no campo (dentro da comunidade) e do campo (com práticas educativas que estejam de acordo com a realidade dos camponeses) valorizando sua história e cultura, promovendo a formação humana, a reflexão crítica, a sustentabilidade e o respeito aos costumes e a terra.

Se de um lado apresentam-se avanços e conquistas, do outro, é possível verificar as dificuldades enfrentadas. Conforme salienta Batista (2016, p. 9):

[...] vê-se de um lado avanços na definição de políticas de educação em contraponto, 37.776 escolas rurais que foram fechadas nos últimos 10 anos em todo o país, e grande parte das escolas que desconsideram os princípios da educação do campo, mostrando que perdura o desrespeito ao direito à educação da população que vive no campo.

Percebe-se a necessidade de intensificar a pressão por políticas públicas que garantam a expansão e aplicabilidade do projeto de Educação do Campo, com a construção e manutenção de escolas do/no campo, cujo currículo contemple essa realidade e a formação adequada de educadores e educadoras preparados para desenvolver práticas pedagógicas que ofereçam a esses sujeitos educandos uma educação de qualidade e transformadora, conforme propõe Paulo Freire.

Ao criticar o modelo tradicional de educação, pensada e realizada como uma mera transmissora de valores, ideologias e cultura, Paulo Freire propõe uma nova concepção educacional, a educação libertadora, que visa formar cidadãos críticos e conscientes da sua realidade, dando-lhes as ferramentas necessárias para realizarem as transformações necessárias (Araújo; Silva; Sousa, 2013). Mas, para que aconteça uma educação libertadora é preciso romper com o modelo tradicional onde as informações são “depositadas” nos alunos e nas alunas, tornando-os meros “recebedores passivos”. É importante que ação educativa possibilite a participação ativa do/da aluno/aluna no processo.

A partir disso, considera-se que este projeto de extensão está alinhado à proposta freiriana de educação libertadora, pois, visa conscientizar as crianças sobre um problema presente na realidade escolar, o bullying. Possibilitando que eles e elas percebam o impacto dessa violência, reflitam, critiquem, questionem, argumentem e construam estratégias de enfrentamento para esse problema.

2.2. Legislação: BNCC, LDB e o Bullying escolar

A educação no Brasil tem como respaldo alguns documentos importantes. Dentre eles está a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), uma proposta de construção nacional do ensino, homologada em dezembro de 2017. Construída coletivamente por grupos de seguimentos da educação, é um documento “de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica [...]” (Brasil, 2017, p. 7).

Prevista em outras legislações educacionais brasileiras como a Constituição Federal de 1988 (Art. 210); as Leis de Diretrizes Básicas (Art. 26); e as Diretrizes Curriculares Nacionais (Art. 14), pode-se afirmar que a BNCC se configura como um compromisso do Estado para favorecer as aprendizagens dos/das estudantes, orientando e organizando o currículo das escolas brasileiras.

Em sua proposta, as aprendizagens realizadas na Educação Básica devem assegurar aos/as estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais. O documento define competência como:

[...] a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (Brasil, 2017, p.8).

Ou seja, ser competente significa ser capaz de ativar e utilizar o conhecimento construído na escola ao se defrontar com uma situação problema na sua vida. Partindo dessa perspectiva, nosso projeto de pesquisa, ensino e extensão visa desenvolver a competência 9:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (Brasil, 2017, p. 10).

Com isso, salienta-se que este trabalho propôs compreender a dinâmica do bullying na escola através do diálogo com os/as alunos/as do 5º ano, oportunizando um ambiente de escuta, respeito, conscientização, valorização do outro e construção de conhecimento. Tendo como respaldo as orientações da legislação escolar vigente.

A atualização da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) ressalta o dever da escola no combate ao bullying. De acordo com o artigo 12, inciso IX, as instituições de ensino possuem a incumbência de: “promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (bullying), no âmbito das escolas” (Brasil, 2020, p. 15).

Percebe-se com isso que o bullying é um tema que faz parte do ambiente escolar e é uma preocupação das autoridades públicas. Por isso, este estudo torna-se importante para aprofundar a discussão do tema e colaborar com a escola no seu enfrentamento.

Para abordagem em sala de aula, a pesquisa fundamentou-se nos eixos Oralidade, Leitura/Escuta e Produção de textos, utilizando o gênero textual Histórias em quadrinhos. Assim como nos objetos de conhecimentos: Oralidade pública/Intercâmbio conversacional em sala de aula; Escuta atenta; e Planejamento de texto.

Portanto, verifica-se que a legislação escolar vigente no Brasil permite-nos trabalhar com temáticas educacionais mais gerais, como por exemplo o bullying, através de uma área do

conhecimento, das competências, dos objetos de conhecimento e das habilidades propostas. Corroborando para o debate e enfrentamento do problema escolar.

2.3 O fenômeno bullying escolar

A escola é uma instituição importante no processo de socialização e desenvolvimento dos sujeitos. É nela que se aprende não apenas conteúdos disciplinares, mas também a conviver em sociedade. É justamente por comportar diferentes indivíduos que a escola está sujeita à ocorrência de problemas e conflitos. Um exemplo disso é o bullying.

Derivada do termo inglês “bully” (que significa valentão, brigão) o bullying (termo utilizado no Brasil e nos Estados Unidos) é um fenômeno escolar de grande repercussão na sociedade. De acordo com Tognetta (2005, p. 4) podemos traduzir o bullying como: “uma intimidação caracterizada por algumas peculiaridades muito interessantes: diz respeito às ações agressivas intencionais e repetidas, praticadas por um ou mais alunos contra outro”. Por sua vez, Ristum (2010, p. 96) caracteriza o termo como: “abuso de poder físico ou psicológico entre pares, envolvendo dominação, prepotência, por um lado, e submissão, humilhação, conformismo e sentimento de impotência, raiva e medo, por outro”.

Ou seja, o bullying pode ser caracterizado como o conjunto de atos de agressões verbais, psicológicas ou físicas, que ocorrem de forma repetida e intencionalmente entre pares numa relação de desequilíbrio de poder. As formas de bullying mais frequentes são: insultar, colocar apelidos pejorativos, bater, empurrar, humilhar, excluir, assediar.

O bullying é um fenômeno tão antigo quanto a escola. Todavia, foi na década de 1980 que surgiu grande interesse pela temática na Noruega. Segundo Fante (2015) em 1982, a mídia norueguesa noticiou o suicídio de 3 crianças com idades entre 10 e 14 anos, tendo a causa apontada como abuso entre pares. Esse fato gerou grande preocupação nas escolas e nas famílias, despertando a atenção do Ministério da Educação com o desenvolvimento de campanhas contra o bullying e os estudos pioneiros de Dan Olweus, professor e pesquisador da Universidade de Bergen (na Noruega).

Por ser inerente à escola, enfatiza-se que o bullying é um fenômeno que ocorre em qualquer instituição de ensino, conforme Prudente (2015, p. 138): “o bullying ocorre em todas as escolas: não existe escola onde isso não aconteça. O que pode variar são os índices encontrados em cada realidade escolar”. Trazendo essa afirmativa para nosso espaço de pesquisa, é possível constatar que as escolas do campo não estão isentas da ocorrência do bullying. Provavelmente, as práticas e as experiências dos/das alunos/as com o problema é que

sejam diferentes da realidade de uma escola urbana, por exemplo. Mas, uma coisa é certa: o bullying é um problema que está presente no cotidiano escolar.

A frequência com que o problema acontece e as consequências aparentes na vida dos/das estudantes envolvidos, despertou a preocupação nas autoridades públicas no Brasil. Com isso, em 06 de novembro de 2015 foi sancionada, pela então presidenta Dilma Rousseff, a Lei nº 13.185 que institui o Programa de Combate a Intimidação Sistemática (bullying). Essa lei prevê que as escolas desenvolvam medidas de conscientização, prevenção e combate ao bullying: Art. 5º - É dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (bullying) (Brasil, 2015, p. 2).

Além disso, no dia 29 de abril de 2016 foi sancionada a Lei nº 13.277 que institui o dia 07 de abril como o Dia Nacional de Combate ao Bullying e à Violência na Escola. Cabe salientar que a data escolhida marca o caso conhecido como “massacre de Realengo”, ocorrido no dia 07 de abril de 2011 na Escola Municipal Tasso da Silveira, localizada no bairro de Realengo/Rio de Janeiro, onde o ex-aluno Wellington de Oliveira, que sofreu bullying na época em que estudava na instituição, entrou na escola dizendo que iria ministrar uma palestra, porém, iniciou um massacre atirando em vários estudantes causando 12 mortes e no final tirou sua própria vida.

Esse fato chocou o país e motivou a instituição das leis citadas acima. Entretanto, o bullying ainda se faz presente nas escolas, sendo necessário cada vez mais o empenho da comunidade escolar e da sociedade em geral. Antes de tudo é preciso reconhecer a existência do problema, identificando suas manifestações no cotidiano escolar, para dessa forma elaborar estratégias de conscientização e enfrentamento.

2.4 Histórias em Quadrinhos: breve histórico e valor educativo

As Histórias em Quadrinhos (HQ's), conhecidas também como “gibis”, são um tipo de gênero textual que associa imagem e texto para contar uma narrativa de forma sequencial. As HQ's podem abordar variados temas como comédia, aventura, super-heróis, drama e questões sociais, sendo assim, apreciado por pessoas de todas as idades. Por ser de fácil acesso, esse gênero textual além de entreter, pode ensinar, transmitir valores e estimular a imaginação e a leitura, sendo assim um ótimo recurso pedagógico.

Antes de aprofundar a discussão sobre Hq's, faz-se necessário fazer uma breve apresentação do que é um gênero textual. De acordo com Marcuschi (2008, p.155):

O gênero textual refere-se aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos, definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Dessa maneira, é possível afirmar que os gêneros textuais são formas de comunicação estruturada que fazem parte do nosso cotidiano e são utilizados para transmitir ideias, mensagens ou informações. É importante destacar que toda comunicação humana se dá por meio de um gênero textual, seja ele oral ou escrito. Cada gênero possui características próprias e se manifestam em determinados espaços sociais. Por isso, é importante conhecê-los para produzir e interpretá-los de forma eficaz, a cumprir com o seu objetivo de comunicação.

Cabe salientar que o gênero textual se configura como um fenômeno histórico vinculado à vida social e cultural, que foi se adequando às necessidades socioculturais e inovações tecnológicas. Sendo possível analisar suas fases: na primeira fase surge um conjunto limitado de gêneros em povos de cultura oral; numa segunda fase, com a invenção da escrita alfabética, há uma multiplicação com o surgimento dos gêneros escritos; na terceira fase, a partir da industrialização, houve uma expansão dos gêneros textuais com o crescimento da cultura impressa. Atualmente, na fase conhecida como *cultura eletrônica*, o surgimento dos meios de comunicação e o advento da internet, possibilitaram a criação de novos gêneros e novas formas de comunicação, sendo elas oral e escrita (Marcuschi, 2002).

Além de uma forma de comunicação, os gêneros textuais são de suma importância no processo de aprendizagem. De acordo com a BNCC (2018), os conhecimentos sobre gêneros, textos e linguagens devem ser estimulados em sala de aula para que o estudante aprenda a ler, interpretar, produzir e lidar com diferentes linguagens, possibilitando sua participação em práticas de diferentes esferas de atividades humanas. Dessa forma, todos os aprendizados sobre gêneros, textos e linguagens oferecem ao/a aluno/a condições de ler, escrever e comunicar-se melhor, e assim, participar ativamente da vida social.

Em relação ao gênero textual abordado neste estudo, as HQ's possuem características próprias que contribuem para torná-la uma leitura lúdica e divertida, que perpassou por períodos históricos-sociais e mantém-se firme até os dias atuais:

As histórias em quadrinhos (HQ) são criadas a partir da junção do texto com imagens que contam uma história. A imagem tem papel fundamental nessa estrutura de composição da história, uma função plástica, cujo elemento visual utiliza-se de balões de fala, que unem onomatopeias e expressões em títulos, assim, o texto é lido como imagem e como escrita. A HQ traz um apelo visual, que se alia ao aspecto

comunicacional, direto e lúdico, tornando-a um veículo importante dentre os meios de comunicação de massa. As HQ nasceram nas indústrias jornalísticas americanas no início do século XIX, mas sua origem pode nos levar a um tempo ainda mais remoto, nas inscrições rupestres que registravam narrativas por meio dos desenhos (Sousa; Vieira, 2020, p.1).

É difícil afirmar com exatidão onde e quando foi publicada a primeira HQ. Algumas fontes apontam que se deu em Londres, em 1890, com a publicação da *Comic Cuts*, primeira revista com histórias desenhadas, lançada por *Alfred Harmsworth*. No entanto, outras fontes afirmam que o verdadeiro criador do gênero é o americano Richard Outcalt, através das histórias do personagem *Yellow Kid*, publicadas a partir de 1897 no *New York Journal*.

Independente de quando e como surgiu, as histórias em quadrinhos estão presente em nossas vidas, tendo sido o primeiro contato com a leitura e escrita para muitas crianças, em tempos em que as tecnologias ainda não faziam parte do nosso cotidiano. Muitas delas eram alfabetizadas por meio desse recurso.

No Brasil, considere-se que as primeiras experiências nos quadrinhos se deram através das charges e caricaturas feitas por Angelo Agostini a partir de 1865. A primeira história em quadrinhos é de sua autoria “As aventuras de Nhô Quim”, publicada em 1969, pela revista *Vida Fluminense*, no Rio de Janeiro. Depois do trabalho de Agostini, veio em 1905 a revista “O Tico-Tico”, criada por Manuel Bonfim e Renato de Castro, que entre jogos e passatempos trazia histórias em quadrinhos para crianças (Andraus, 2023).

No entanto, a grande divulgação das HQ's se deu na década de 1930, com as publicações de *Suplemento Infantil* (1934), *Globo Juvenil* e *Mirim* (1937), e *Gibi* (1939), proporcionando acesso e consolidação dos quadrinhos brasileiros. Influenciado pela sua estadia nos Estados Unidos onde percebeu o sucesso dos suplementos juvenis, Adolfo Aizen, editor da Editora Brasil-América Limitada (EBAL), decidiu implantar esse tipo de mídia nos jornais brasileiros (Tamanini; Costa; Souza, 2022).

Embora já tendo se consolidado nacionalmente, pode-se afirmar que foram nas décadas de 1960 e 1970 que surgiram obras que nos apresentaram a potência e criatividade dos quadrinhos brasileiros e seus autores. Como, por exemplo, a revista “Fantasia” de Nico Rosso com seu trabalho magnífico de desenhos e elaboração de roteiros; e a publicação da revista “Crás!” em meados de 1970, pela editora Abril que mostrava o potencial diversificado e único dos Quadrinhos nacionais, tanto para o público infanto-juvenil quanto para os adultos (Andraus, 2023).

Com o passar dos anos, os quadrinhos brasileiros se consolidaram como expressão artística e cultural, dialogando com diferentes gerações, contextos e problemas sociais,

acompanhando as transformações políticas, tecnológicas e culturais do país. Dentro desse universo criativo, podemos mencionar vários quadrinistas, mas, optamos por falar sobre Ziraldo e Maurício de Sousa, dois autores de grande visibilidade e relevância que marcaram gerações com personagens inesquecíveis e obras de grande impacto cultural.

Ziraldo Alves Pinto (falecido em 2024) se tornou nacionalmente conhecido ao criar o personagem Pererê, na década de 1950, para o jornal “O Cruzeiro”. O personagem fez tanto sucesso que ganhou sua própria HQ em 1960. O cartunista também é o criador das obras “*Flicts*” (1969), “*O menino maluquinho*” (1980), “*O Bichinho da maçã*” (1982), “*Uma professora muito maluquinha*” (1995) etc. Os personagens de Ziraldo conquistaram leitores de todas as idades, pois, mostravam virtudes e problemas nacionais. Em suas histórias “eram abordados temas referentes a raças, culturas e figuras do folclore tupiniquim, não deixando de lado as paixões nacionais como o futebol e o samba” (Tamanini; Costa; Souza, 2022, p.13).

Outro grande nome das histórias em quadrinhos brasileiras é sem dúvida, o escritor e desenhista Maurício de Sousa. Em 1959, o autor criou uma série de tiras em quadrinhos de um cãozinho e seu dono intitulado “Bidu e Franjinha”, publicado na Folha da Manhã. Seu personagem de maior sucesso, a Mônica (inspirada em sua filha nascida em 1960) foi criada em 1963, posteriormente dando origem às histórias da “Turma da Mônica”, publicadas no final da década de 1960, pela editora Abril. A obra tornou-se campeã de vendas e o maior nome do seguimento dos quadrinhos nacional daquela época. Com personagens divertidos e marcantes, a Turma da Mônica apresenta histórias simples que transmitem valores educativos e abordam temáticas sociais e culturais, incentivando a leitura entre as crianças. Nesse contexto, é importante destacar a fórmula própria e reconhecível nas obras do autor, conforme afirma Kulitz (2024, p.5):

A valorização da família tradicional, suas relações de carinho, seus desentendimentos, seu uso de referências musicais, televisivas e cinematográficas mais atuais, a forte presença da tônica esportiva e escolar, o divertimento descomplicado da vida interiorana e o debate de questões domésticas, como higiene e bons modos, são comuns ao projeto aplicado por Maurício de Sousa.

O quadrinista se consolidou como um dos maiores nomes brasileiro do cenário das HQ's, perpassando por várias gerações. Atualmente, é difícil existir alguém que não conhece sua obra. A turma da Mônica, por exemplo, ultrapassou as revistas e se aventurou nas telonas dos cinemas com diversos filmes lançados, atingindo um público diverso. Ressalta-se que sua obra aqui citada serviu de base para a presente pesquisa (conforme será apresentado mais adiante), por isso, o destaque dado ao autor.

Sendo um texto atrativo, prazeroso e lúdico, as HQ's podem ser usadas como recurso didático em sala de aula. A prática pedagógica exige, além de conhecimento, criatividade, inovação e busca por recursos que despertem no alunado o interesse pelo aprendizado. A leitura e escrita é uma das principais etapas desse processo, principalmente por ser um fator de desenvolvimento pessoal e social, inserindo o indivíduo na sociedade letrada. Proporcionar aos estudantes o prazer pela leitura e a produção textual começa pelo recurso didático. Sendo assim, considera-se que as HQ's podem ser esse instrumento dinâmico e criativo de ensino. Conforme Sousa e Vieira (2020, p. 5)

Assim, a exploração didática bem planejada pelo docente no trabalho com a leitura e a escrita, por meio da linguagem verbal e não verbal presentes no gênero HQ, possibilita o uso desses materiais nas salas de aula, com vistas à formação do leitor competente, que começa em possibilitar para o aluno uma leitura a partir da opção de leituras diferentes das usuais em sala, não deixando como uma atividade que deve ser vista como uma leitura obrigatória. O aluno deverá escolher o que vai na apresentação de algumas revistas, dentro de sua condição de leitura. As HQ possibilitam o encontro do leitor com a leitura, o qual no decorrer do tempo e de acordo com as modificações sociais, descobre como essas obras são leituras dinâmicas e motivadoras.

Em uma sociedade cada vez mais tecnológica e digital, elaborar aulas dinâmicas e atrativas tem sido um dos maiores desafios para os/as professores/as. E isso é o que torna as HQ's mais interessantes. No seu formato físico, elas conseguem interagir e chamar a atenção desse público que desde cedo é inserido no mundo virtual. Além disso, cabe salientar que por ser de fácil compreensão, é possível trabalhar diferentes disciplinas e temas através desse gênero textual, tornando-a uma ótima estratégia para o desenvolvimento da reflexão e senso crítico dos estudantes.

3. METODOLOGIA

Neste capítulo serão apresentados os caminhos metodológicos. Discorrendo acerca dos instrumentos e etapas que conduziram essa investigação de maneira a atingir os objetivos elencados. Além disso, serão descritos o campo da pesquisa e os sujeitos participantes que foram parte fundamental para o desenvolvimento da pesquisa.

3.1 Abordagem e tipo de pesquisa

No que se refere aos caminhos metodológicos seguidos para o seu desenvolvimento, a presente pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, pois buscou compreender os significados e as experiências atribuídos pelos sujeitos participantes acerca do fenômeno bullying escolar. Essa abordagem permite a resposta de questões subjetivas e particulares pois “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Minayo, 2007, p. 21).

Quanto ao tipo de pesquisa, caracteriza-se como exploratória participante. Conforme descreve Gil (2008, p. 27): “As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. Além disso, é de cunho participante, pois houve envolvimento direto da pesquisadora no campo de estudo, interagindo com os sujeitos da pesquisa e observando a dinâmica escolar, proporcionando uma compreensão mais ampla do fenômeno analisado.

Assim, a metodologia escolhida possibilitou a elaboração de problemas e hipóteses que conduziram o desenvolvimento da investigação, favorecendo a inserção da pesquisadora no campo, a percepção da realidade, compreensão das problemáticas existentes, o contato com os sujeitos da pesquisa e por fim, a realização das atividades interventivas.

3.2 Campo da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado, localizada na comunidade Paratibe, na cidade de João Pessoa/PB, com a turma do 5ºA, tendo como responsável a professora Selma. A escola recebeu esse nome após a morte da mulher, negra e educadora que concedeu o terreno para a construção da escola, como forma de homenagear seu trabalho e dedicação a educação e a comunidade.

A escola é considerada como Escola Quilombola. De acordo com a Resolução CNE/CEB nº 8/2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, as escolas quilombolas compreendem aquelas localizadas em território quilombola. Possuem diretrizes próprias, respeitando a cultura, história e saberes das comunidades quilombolas. Vale ressaltar que essas escolas também são consideradas como escolas do campo, mas com suas especificidades e identidade próprias.

A Escola Municipal Professora Antônia do Socorro Silva Machado atende alunos e alunas do Sítio Paratibe (Comunidade Quilombola), além de estudantes oriundos de outros bairros como Barra de Gramame, Sítio Muçumagro, Nova Mangabeira, Praia do Sol, Conjunto Sonho Meu e Parque do Sol. Oferta o ensino regular e a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

No que se refere ao aspecto estrutural, a escola é ampla. Possui um estacionamento, 15 salas de aulas, secretaria, sala dos professores, sala da direção, almoxarifado, 4 banheiros, 1 sala de computação, refeitório e quadra esportiva coberta. É importante mencionar que quando a pesquisa foi realizada, a escola encontrava-se em processo de reforma já há algum tempo, motivo pelo qual o ambiente mostrava-se um pouco desorganizado.

A sala de aula do 5ºA (turma participante do estudo) é grande, organizada tradicionalmente: com as cadeiras em fileira. Um aspecto interessante observado é que a sala possui materiais produzidos pela professora: cartaz de regras de convivência, calendário de 2025 com fotos de mulheres negras protagonistas (como políticas, escritoras e educadoras), um alfabeto com nomes e imagens de personalidades negras, e um cartaz intitulado “Árvore dos valores civilizatórios Afrobrasileiro”. Esses elementos além de decorar o ambiente, proporciona um espaço de valorização à cultura e história da população negra.

3.3 Sujeitos da pesquisa

A turma participante, 5º ano A, turno da manhã, é composta por 35 estudantes matriculados, sendo 19 meninos e 16 meninas. No entanto, no período da pesquisa apenas 32 frequentavam a escola (sendo esses os participantes). Estão na faixa etária dos 11 a 14 anos. A maioria das crianças são moradoras da Comunidade Paratibe (local onde a escola está localizada) e bairros adjacentes. Em relação a classe social, são oriundas de família baixa renda, atendidas pelo Programa Bolsa Família.

Observou-se que embora a escola seja considerada quilombola, nem todas os estudantes pertencem a comunidade, já que a instituição atende à população de outros bairros. No entanto,

a predominância étnica é de crianças negras e pardas. É importante destacar também que na turma tem duas crianças autistas, porém, apenas uma delas tem acompanhante.

3.4 Instrumentos da pesquisa

Para a realização desta pesquisa, foram utilizados três instrumentos para a coleta de informações necessárias. São eles: observação participante; a roda de conversa e o questionário com cinco questões, sendo quatro objetivas e uma subjetiva. A combinação desses instrumentos possibilitou uma compreensão mais aprofundada do fenômeno investigado.

Por tratar-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, considera-se a observação participante essencial para a compreensão da realidade. Minayo (2007, p. 70) define a observação participante como:

[...] um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa.

Sendo assim, a observação participante foi importante para adentrar ao contexto escolar, possibilitando uma compreensão mais ampla da dinâmica da instituição, bem como das interações que se estabelecem no cotidiano. Também permitiu acompanhar de forma próxima o comportamento das crianças durante as aulas e o recreio (momento de maior interação e descontração entre as crianças) favorecendo a identificação de aspectos relevantes sobre suas formas de convivência, aprendizagem e socialização.

A realização da roda de conversa, a partir da leitura da HQ “Bullying: isso não é brincadeira” (que narra a história de um estudante que sofria bullying na escola), constitui-se como importante estratégia de pesquisa, pois, favoreceu o diálogo aberto e acolhedor das crianças acerca de suas concepções e experiências com o bullying na escola. Nesse processo, a construção do conhecimento se dá através do exercício da escuta e da fala. Ao realizar a roda de conversa com crianças, temos acesso às suas visões de mundo, experiências, formas de pensar, argumentos, produção de significados e ações, tornando-se assim, um instrumento comprometido em dar voz às crianças como sujeitos da própria história (Ribeiro; Kruger-Fernandes; Borges, 2020).

No dia da roda de conversa, a sala foi organizada em um grande círculo. A pesquisadora realizou a leitura da HQ e foi mediando a conversa. Durante a leitura, foram feitas algumas

pausas para discutir pontos interessantes que surgiam na história. Após a leitura, partiu-se para a discussão sobre o bullying (conceito, práticas, experiências das crianças e possíveis formas de enfrentamento). Esse momento foi de suma importância, pois, possibilitou às crianças refletirem sobre o tema, compartilharem experiências e compreenderem a necessidade do respeito mútuo no ambiente escolar.

Finalizando a descrição dos instrumentos da pesquisa, foi aplicado um questionário, que segundo Gil (2008, p. 121):

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

Dessa forma, a aplicação do questionário contribuiu para o levantamento de dados objetivos e subjetivos de forma estruturada e sistemática. O instrumento foi elaborado com linguagem acessível, adequada à faixa etária dos participantes, contendo quatro perguntas objetivas e uma subjetiva.

As questões objetivas foram: 1) Você já viu alguma situação de bullying na escola? (sim ou não); 2) Que tipo de bullying foi? (apelidos, tapas ou ameaças); 3) Você já foi vítima de bullying na escola? (Sim ou não); 5) Você já praticou bullying na escola? (Sim ou Não). A única questão subjetiva foi a número 5) Se você já foi vítima de bullying, conte como você se sentiu e reagiu. Salienta-se que foi orientado aos estudantes que caso eles e elas não quisessem ou não se sentissem à vontade, não eram obrigados a responder essa questão.

Portanto, os instrumentos utilizados permitiram a identificação da dinâmica escolar, comportamentos, percepções e vivências dos alunos e das alunas relacionados ao bullying, fornecendo subsídios importantes para a análise do fenômeno e construção de novos conhecimentos.

3.5 Realização da Oficina de produção de HQ's

Ao final da pesquisa, após a aplicação do questionário, foi realizada uma oficina de produção de HQ's. O objetivo foi produzir histórias em quadrinhos que conscientizassem acerca do combate ao bullying escolar. Foi entregue uma folha A4 para cada criança que foram estimuladas a soltarem a imaginação, escolhendo personagens e histórias. Considera-se que essa oficina foi de suma importância para finalizar o estudo de maneira lúdica e inclusiva, conscientizando as crianças acerca de se identificar e combater o bullying na escola. Além

disso, foram feitos trabalhos belíssimos não apenas no quesito visual, mas, principalmente, na conscientização sobre o bullying.

Salienta-se que essa oficina se mostrou uma estratégia eficaz para promover a reflexão, participação e criatividade dos alunos e das alunas sobre o tema. Com isso, a pesquisa alcançou seu propósito de dar voz e protagonismo às crianças participantes, permitindo a compreensão do bullying no contexto escolar e contribuir para a construção de um ambiente que estimula a empatia e o respeito.

Imagem 1: Estudante produzindo HQ



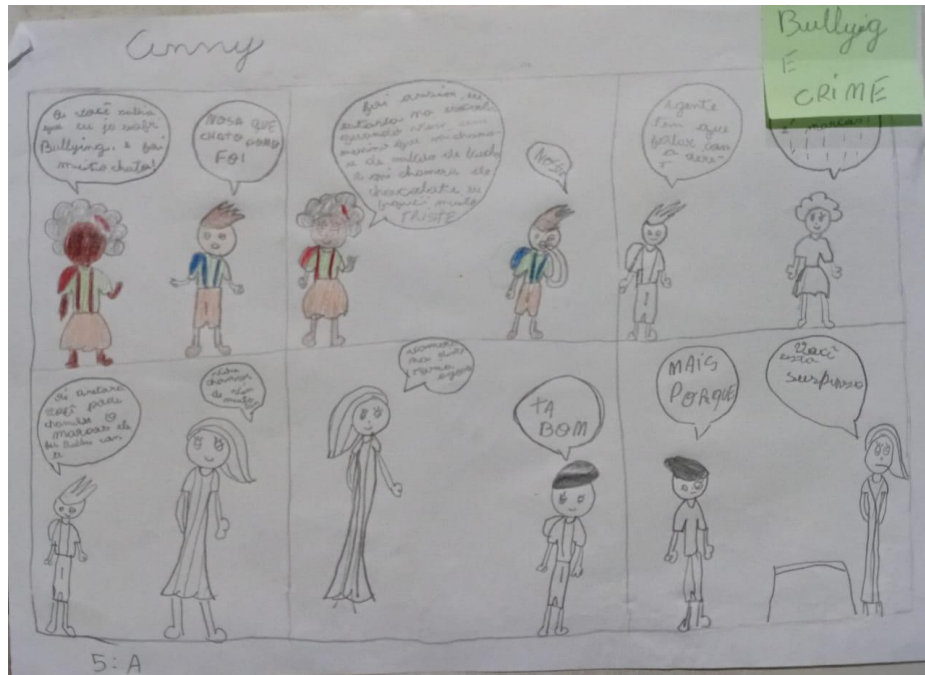
Fonte: arquivo da pesquisadora (2025)

Imagem 2: produção de HQ



Fonte: arquivo da pesquisadora (2025)

Imagem 3: produção de HQ



Fonte: arquivo da pesquisadora (2025)

Imagem 4: produção de HQ



Fonte: arquivo da pesquisadora (2025)

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este último capítulo dedica-se a apresentação e análise dos dados obtidos durante a pesquisa. Nele, serão expostas, interpretadas e analisadas as respostas coletadas através do questionário aplicado aos alunos e alunas participantes, buscando evidenciar suas percepções e experiências sobre o bullying escolar.

Além disso, foi realizada uma reflexão acerca dessas respostas, relacionando-as às informações registradas durante a observação participante. Isso possibilitará compreender o fenômeno investigado articulando as falas dos participantes com os comportamentos e realidade observados no ambiente escolar.

Para tanto, é adotada a categoria gênero como eixo central de interpretação, buscando compreender como o bullying é entendido e experienciado por meninas e meninos e se há alguma diferença nas vivências. Ressalta-se que, nessa análise a categoria étnica não foi abordada, tendo em vista que não surgiu como fator nas respostas dos/das estudantes. Sendo assim, a resposta de cada questão objetiva será apresentada em um quadro para melhor visualização dos resultados tanto de forma geral quanto a partir da categoria gênero. Ressalta-se que ao total 29 crianças participaram da pesquisa, sendo 13 meninas e 16 meninos. Porém, não foi considerado o questionário do aluno com autismo, pois, ele não conseguiu responder as perguntas.

Antes de apresentar os dados, faz-se necessário trazer alguns pontos identificados na observação participante para fomentar nossa análise e discussão. Durante essa etapa, foi possível registrar informações importantes sobre a dinâmica entre os alunos e as alunas. Não foi presenciado nenhum caso de violência. Na hora do intervalo, durante as brincadeiras, percebeu-se que não há uma separação por gênero, sendo as interações mistas e espontâneas. Entretanto, em sala de aula, notou-se uma divisão mais estruturada: as meninas se sentam de um lado e os meninos do outro. Cabe explicar que essa divisão não é um padrão escolar. Foram as próprias crianças que se organizaram dessa forma, conforme relato da professora da turma.

Além disso, nas observações feitas nas aulas e conversas informais com alguns estudantes, foi identificado a prática de apelidos maldosos como recorrente entre as crianças, sendo naturalizada entre elas.

Posto isso, a primeira pergunta objetiva do questionário foi: “Você já viu alguma situação de bullying na escola?”. Os estudantes teriam que marcar as opções SIM ou NÃO. Dos 28 estudantes (no total), 27 responderam sim e apenas 1 respondeu não. Conforme o quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Observação de bullying na escola

Você já viu alguma situação de bullying na escola?				
Geral		Por categoria gênero		
SIM	27	Meninas	12 SIM	1 NÃO
NÃO	1	Meninos	15 SIM	0 NÃO

Fonte: dados da pesquisadora (2025)

Conforme observado no quadro 1, na categoria gênero, das 13 meninas participantes, 12 responderam SIM e apenas 1 respondeu que NÃO. Já os meninos, todos os 15 responderam SIM. Atestando que a maioria das crianças já presenciou alguma forma de bullying escolar e que não há uma discrepância entre meninos e meninas, visto que ambos já observaram alguma manifestação de bullying no ambiente escolar.

Dando sequência a investigação, o intuito da questão 2 foi identificar quais eram essas práticas, tendo como opções: 1) apelidos e xingamentos; 2) ameaças, difamações ou fofocas; 3) Tapas, chutes e empurrões. Nessa questão as crianças poderiam marcar mais de uma opção. Apresenta-se abaixo, o quadro 2, mostrando as alternativas marcadas pelos estudantes:

Quadro 2: tipos de bullying

Que tipo de bullying você observou?			
1) apelidos e xingamentos; 2) ameaças, difamações ou fofocas; 3) Tapas, chutes e empurrões.			
Geral		Por categoria gênero	
Opção 1: Apelidos e xingamentos	6 alunos	2 Meninas	4 Meninos
Opção 2: ameaças, difamações ou fofocas	1 Aluno	0 Meninas	1 Meninos
Opção 3: Tapas, chutes e empurrões	1	0 Meninas	1 Meninos
Opções 1 e 2	2	2 Meninas	0 Meninos
Opções 1 e 3	5	2 Meninas	3 Meninos
Todas as opções	13	5 Meninas	8 Meninos

Fonte: dados da pesquisadora (2025)

De acordo com o Quadro 2, 6 crianças marcaram a primeira opção (apelidos e xingamentos), sendo 2 meninas e 4 meninos. A opção 2 (ameaças, difamações ou fofocas) foi

marcada por um menino, e a opção 3 (Tapas, chutes e empurrões) também foi marcada por um menino. Duas meninas marcaram as opções 1 e 2. Cinco crianças marcaram as opções 1 e 3, sendo 2 meninas e 3 meninos. E por fim, treze crianças marcaram todas as 3 opções, sendo 5 meninas e 8 meninos mostrando assim que a maioria das crianças já presenciou diferentes tipos de práticas de bullying no ambiente escolar.

Ao observar os dados entre meninos e meninas, identifica-se que nas respostas das meninas se sobrepõem a opção 1 (apelidos e xingamentos) e a opção 2 (ameaças, difamações ou fofocas), práticas de bullying psicológico e moral. Já nas respostas dos meninos se sobrepõem a opção 1 (apelidos e xingamentos) e a opção 3 (Tapas, chutes e empurrões) que representam práticas de bullying moral e físico. Essa predominância de meninos também é observada na quantidade de estudantes que marcaram todas as três opções. Ressalta-se que o número de meninos participantes (15) foi maior do que o de meninas (13). Todavia, o que chama atenção é a quantidade de estudantes que já presenciaram todas as práticas de bullying na escola. Esse dado mostra que o bullying é um fenômeno presente no ambiente escolar e afeta tanto meninos quanto meninas.

Para compreender as vivências pessoais dos participantes, aplicou-se a terceira questão: “Você já foi vítima de bullying na escola?”. Os estudantes teriam que marcar as opções SIM ou NÃO. Conforme o quadro 3:

Quadro 3: Experiências com o bullying

Você já foi vítima de bullying na escola?			
Geral		Por categoria gênero	
SIM	14	6 Meninas	8 Meninos
NÃO	14	7 Meninas	7 Meninos

Fonte: dados da pesquisadora (2025)

As respostas dessa questão apresentam um equilíbrio entre as opções. Das 28 crianças que responderam ao questionário, 14 responderam que já foram vítimas de bullying e 14 responderam que não. Observando as respostas entre meninos e meninas, identifica-se que das 14 crianças que foram vítimas 6 são meninas e 8 são meninos, constatando uma predominância no número de meninos que afirmam já terem sofrido algum tipo de bullying na escola. Já das 14 crianças que afirmaram não terem sido vítimas de bullying, houve um equilíbrio nas respostas: 7 meninas e 7 meninos responderam demonstrando um equilíbrio na categorização de

gênero. Comparando as respostas da primeira questão (Você já viu alguma situação de bullying na escola?) e da terceira (Você já foi vítima de bullying na escola?), observou-se que a maioria das crianças afirmou já ter presenciado situações de bullying na escola. No entanto, quando questionadas sobre suas próprias experiências como vítimas, as respostas se dividiram igualmente entre “sim” e “não”. Esse resultado revela que, embora muitas crianças já tenham presenciado casos de bullying na escola, nem todas experienciaram o fenômeno diretamente, o que indica diferentes níveis de envolvimento e concepções sobre o problema.

Seguindo o intuito de compreensão das experiências, a questão 4 (única questão subjetiva) pede “Se sim (caso tenha sido vítima) conte como foi e como reagiu”. Nessa pergunta, cabe ressaltar que das 14 crianças que responderam sim na terceira questão, 6 eram meninas e todas relataram sua experiência. Já desse resultado que afirmaram ter sofrido bullying, 8 eram meninos, porém, apenas 6 relataram suas experiências. Para essa questão não será utilizado o quadro. Mas os relatos das crianças.

Na análise das respostas subjetivas, observou-se que os meninos e as meninas vivenciam práticas de bullying semelhantes. Sendo assim, entre as meninas as práticas mais comuns são: agressões físicas (empurrões, mordidas), apelidos maldosos, xingamentos, ridicularização. Já entre os meninos predominam: agressões físicas (chutes, empurrões), apelidos maldosos, difamação (acusação de algo que não fez) e xingamentos. Conforme os relatos apresentados a seguir:

“Um dos meus colegas do 2º ano me chamava de feia, gorda e horrorosa”. (Aluna F, 11 anos)

“Quando eu tinha 3 anos um menino que tinha 5 anos fazia bullying comigo e eu não gostava. Ele me mordida todo dia e me dava apelidos”. (Aluna M.I., 10 anos)

“A menina da minha sala no 3º ano pegava o irmão dela mais novo e pedia para me empurrar”. (Aluna M, 10 anos)

“Eu já sofri bullying na escola. Alguns meninos me batiam quando eu estava na quadra da escola. Eu não conseguia fazer nada”. (Aluno G, 10 anos)

“Eu fiquei muito triste porque a pessoa que me apelidou foi meu amigo e por isso fiquei muito triste”. (Aluno R, 10 anos)

“Foi assim. Eu estava de boa na sala quando 3 meninos do 6º ano vieram falar comigo e me culpar de uma coisa que eu não fiz”. (Aluno A, 10 anos)

Ao analisar as respostas dos estudantes sobre suas experiências com o bullying, nota-se que, independentemente do gênero, os relatos apresentam semelhanças significativas. Tanto meninos, quanto meninas descreveram situações de agressões físicas, apelidos maldosos, xingamentos e difamações, demonstrando emoções como tristeza, raiva e medo, evidenciando que o impacto negativo do bullying é compartilhado de forma parecida entre ambos.

A última questão, de teor objetiva, buscou saber se os estudantes já praticaram bullying contra algum/a colega na escola. Conforme mostra o quadro 4:

Quadro 4: Experiências como praticantes de bullying na escola

Você já praticou bullying contra um colega na escola?			
Geral		Por categoria gênero	
SIM	7	1 Menina	6 Meninos
NÃO	21	12 Meninas	9 Meninos

Fonte: dados da pesquisadora (2025)

De acordo com o quadro 4, dos 28 estudantes 7 responderam que já praticaram bullying contra um colega na escola. Já 21 estudantes responderam que não. Dos 7 estudantes que afirmaram já terem sido os agressores, observou-se que a maioria são do sexo masculino, totalizando 6 meninos, enquanto apenas uma menina afirmou já ter cometido bullying na escola. Esse resultado mostra a predominância masculina entre os autores de bullying na turma pesquisada, o que pode estar relacionado a questões socioculturais, tendo em vista que, vivemos em uma sociedade machista onde a agressividade e a violência são associadas a masculinidade. Isso é preocupante pois, percebe-se que desde crianças, os meninos reproduzem comportamentos violentos, muitas vezes, para demonstrar essa masculinidade construída socialmente, tornando o ambiente escolar um reflexo da sociedade.

Já dentre aqueles e aquelas que responderam não terem praticado, a maioria é composta por meninas, totalizando 12, enquanto 9 meninos também declararam não ter cometido bullying. Esse resultado indica que as meninas demonstram uma proporção maior de rejeição às práticas de bullying na escola, o que pode estar associado também a questões socioculturais, nas quais, a feminilidade está associada a comportamentos delicados e de passividade.

Refletindo sobre esses dados, faz-se possível afirmar que essa diferença de padrões comportamentais associados aos gêneros permite às meninas desenvolverem melhor conceitos como empatia e respeito no ambiente escolar

Sendo assim, os dados obtidos no questionário aplicado à 28 estudantes do 5º ano mostraram que o bullying está presente no cotidiano escolar e afeta tanto meninos quanto meninas. Todavia, observou-se que os meninos são mais afetados por esse fenômeno, observando e praticando mais situações de bullying no espaço escolar.

Ressalta-se que isso é um recorte de uma realidade mais ampla. Mas, pode-se afirmar que no contexto pesquisado o fenômeno bullying também está associado a padrões comportamentais de gênero, principalmente ao analisar as respostas dos alunos e das alunas sobre suas experiências enquanto agressores.

Portanto, compreender essas experiências permite reconhecer que mesmo com suas especificidades e subjetividades, esses sujeitos vivenciam situações semelhantes de humilhações, agressões e ridicularizações e que é necessário promover um ambiente escolar mais acolhedor e seguro para nossas crianças. Por isso é necessário que temas como respeito e empatia sejam diariamente reforçados na escola, de modo a promover uma convivência mais harmoniosa e livre de práticas de bullying.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada com as crianças do 5º ano da Escola Municipal Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado possibilitou atingir o objetivo geral proposto, uma vez que foi possível compreender as experiências das crianças em relação ao bullying, conhecendo melhor a interação entre os estudantes e identificando situações que revelam as práticas desse fenômeno no ambiente escolar.

Através da observação participante e da roda de conversa foi possível conhecer a interação entre os estudantes e identificar que as práticas de bullying mais frequentes entre as crianças participantes são os apelidos maldosos, seguido das agressões físicas e verbais. No que se refere a relação entre as crianças, embora tenha observado durante o intervalo que meninos e meninas brincam juntos, na sala de aula do 5ºA notou-se que há uma divisão de gênero: meninas se sentam de um lado e meninos de outro.

Com a aplicação do questionário, conseguiu-se obter dados de análise que mostraram que o bullying é um fenômeno escolar identificado pelas crianças e experienciado por elas de diferentes formas. Independente do gênero, os/as estudantes vivenciam essa violência sistemática diariamente, seja como vítimas, testemunhas ou agressoras. Infelizmente, faz parte da dinâmica escolar.

Em relação a categoria gênero, percebeu-se um equilíbrio nas respostas das questões relacionadas as experiências como testemunhas e vítimas de bullying entre meninos e meninas. Contudo, na questão sobre a experiência dos estudantes como agressores, houve uma predominância no número de meninos que afirmaram já terem praticado algum tipo de bullying na escola. Esse resultado pode ser explicado através dos padrões de comportamentos masculinos construídos socialmente que associam violência e agressividade ao gênero masculino e que é transmitido aos meninos desde a infância. O que constata a necessidade de reforçar, principalmente entre os meninos, conceitos e atitudes de respeito e empatia para que o bullying e outras formas de violência na escola possam ser combatidos.

Portanto, analisando as ações desenvolvidas, conclui-se que os objetivos foram alcançados. Enquanto pesquisadora, afirmo que a experiência de trabalhar a temática do bullying numa escola quilombola foi enriquecedor. Infelizmente, constatei que esse fenômeno é uma realidade em todas as escolas e o que se modifica são as suas práticas. Refletir sobre como as crianças enxergam e experienciam o bullying e conversar com elas sobre a temática mostra-se fundamental para o enfrentamento desse problema, assim como abordar questões como empatia e respeito em sala de aula.

6. REFERÊNCIAS

ANDRAUS, Gazy. As histórias em quadrinhos brasileiras: para uma criatividade sui generis. In: GUIMARÃES, Edgard (org.). **O QUE É HISTÓRIAS EM QUADRINHOS BRASILEIRA**. 2ª ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2023.

ARAÚJO, Monalisa Porto; SILVA, Severino Bezerra da; SOUSA, Israel Soares de. Freire e a educação popular do campo: o fortalecimento da cultura popular. **Seminário do GEPEC**, 2013. São Paulo. Disponível em: <https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/publicacoes-seminarios-do-gepec/seminarios-de-2013/4-educacao-do-campo-escola-curriculo-projeto-pedagogico-e-eja/d09-freire-e-a-educaca-popular-do-campo-o.pdf>. Acesso em: 17 de abril de 2025.

BATISTA, Maria do Socorro Xavier. **Da luta às políticas de educação do campo**: caracterização da educação e da escola do campo. In: FIGUEIREDO, João B. de A.; VERAS, Clédia I. M.; LINS, Lucicléa T. (Organizadores). Educação Popular e movimentos sociais: experiências e desafios. Fortaleza: Impreco, 2016.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do campo. In: Brasil. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. p. 266-297.

BRASIL. **LDB**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 4. ed. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020.

BRASIL. Lei nº 13.185, de 06 de novembro de 2015. **Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

BRASIL. Lei nº 13.277, de 29 de abril de 2016. **Dia Nacional de Combate ao Bullying e à Violência na Escola**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13277.htm>>. Acesso em: 30 abr. 2022. BULLYING isso não é brincadeira. Disponível em: <https://site.mppr.mp.br/crianca/Pagina/Publicacoes-Educacao-Bullying>. Acesso: 28 de fev. 2025.

BULLYING isso não é brincadeira. Disponível em: <https://site.mppr.mp.br/crianca/Pagina/Publicacoes-Educacao-Bullying>. Acesso: 28 de fev. 2025.

CALDART, R. S. **Educação do Campo**: notas para uma análise de percurso. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-77462009000100003>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tes/v7n1/03.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2022.

CALDART, Roseli Salete. Educação do campo. *In*: CALDART, Roseli Salete. (Org.) **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 257-266.

Cartilha Educativa: Bullying no ambiente escolar. CE/UFPB, 2020. Disponível em: <https://www.ce.ufpb.br/eebas/contents/noticias/bullying-no-contexto-escolar/cartilha-final-bullying-no-ambiente-escolar.pdf>. Acesso em: 09 de mar. de 2025.

CORRÊA, Giovana Camila Garcia; CAMPOS, Isabel Cristina Pires de; ALMAGRO, Ricardo Campanha. Pesquisa-ação: uma abordagem prática de pesquisa qualitativa. **Ensaios Pedagógicos**, Sorocaba, vol.2, n.1, jan./abr. 2018, p.62-72.

COUTINHO, Adelaide Ferreira. **Do direito à educação do campo: a luta continua!** AURORA, v.3, n.1, p.40-48, dez. 2009. Disponível em: www.marilia.unesp.br/aurora. Acesso em: 16 abr. 2022.

FANTE, Cléo. Bullying no ambiente escolar. *In*: FANTE, Cléo; PRUDENTE, Neemias Moretti (Org.). **Bullying em debate**. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 79-107.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KULITZ, Layssa Bauer von. MAURÍCIO DE SOUSA E A NATUREZA DO RECONHECIMENTO ARTÍSTICO. **SOCIOL. ANTROPOL.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 1-32, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/QwKHGX8mLLnfTHn7SxZRQmM/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 01 de set. 2025.

LÊDA, Flávia. Oficina de Língua Portuguesa – HQ's. Canal Educação/Seduc. 2020. Disponível em: https://www.canaleducacao.tv/images/slides/42277_0b67f19aba7549582ea9d8eb7f892e29.pdf. Acesso em: 09 de mar. de 2025.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. 3 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MOLINA, Mônica Castagna; FREITAS, Helena Célia de Abreu. Avanços e desafios na construção da Educação do Campo. *Em Aberto*, Brasília, v.24, n.85, p.17-31. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/3072>. Acesso em: 16 abr. 2022.

PRUDENTE, Neemias Moretti. O bullying no ambiente escolar: compreensão e enfrentamento. *In*: FANTE, Cléo; PRUDENTE, Neemias Moretti (Org.). **Bullying em debate**. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 129-190.

RIBEIRO, L. D. M.; KRUGER-FERNANDES, L.; BORGES, F. T. Roda de conversa mediada por leitura dialógica com crianças: uma proposta metodológica de pesquisa qualitativa sobre processos argumentativos. **Investigação Qualitativa em Educação: Avanços e Desafios**. v.2, p. 83-95, 2020. Disponível em: <https://publi.ludomedia.org/index.php/ntqr/article/view/73>. Acesso em 22 de set. 2025.

RISTUM, Marilena. Bullying escolar. *In*: ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patrícia; AVANCI, Joviana Quintes (Org.). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/Editora Fiocruz, 2010. p. 95-119.

SOUSA, Luciano Dias de; VIEIRA, Abel Gomes. Histórias em quadrinhos na escola: uma experiência metodológica de ensino. **Revista Educação Pública**. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/46/historias-em-quadrinhos-na-escola-uma-experiencia-metodologica-de-ensino>. Acesso em: 20 de ago. 2025.

TAMANINI, P. A.; COSTA, J. D.; SOUZA, M. do S. (2022). Nossas Histórias em Quadrinhos (HQs) como artefatos de ensino interdisciplinar. **Domínios da Imagem**, 16(30), 163–222. <https://doi.org/10.5433/2237-9126.2022v16n30p163>. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/45901>. Acesso em 01 de set. 2025.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. Violência na escola: os sinais de bullying e o olhar necessário aos sentimentos. *In*: PONTES, Aldo; DE LIMA, Valéria Scomparim. **Construindo saberes em educação**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2005. p. 01-22.